



Departamento  
de Prospectiva  
e Planeamento

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO, DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO  
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

---

**AVALIAÇÃO DO IMPACTO  
MACROECONÓMICO E  
SECTORIAL DA EXPO'98 NO  
PERÍODO 1994-1998**

**Lisboa**  
**Abril 1998**

### **Ficha Técnica**

**Autores:** Manuela Proença (supervisão)  
Ana Maria Dias (coordenação)  
Emídio Lopes  
Ricardo Mourinho Félix

**Edição:** Departamento de Prospectiva e Planeamento  
Núcleo de Informação e Comunicação  
Av. D. Carlos I, 126  
1293 Lisboa Codex  
E-mail: [dpp@dpp.pt](mailto:dpp@dpp.pt)

**Impressão:** Junho de 1998

## Nota Prévia

Em Julho de 1996 o DPP publicou um estudo de avaliação do impacto macroeconómico e sectorial da EXPO'98 baseado em estimativas para os investimentos a realizar e para as receitas do turismo atribuíveis ao empreendimento, elaboradas em 1994 pela Parque EXPO.

Na sequência da disponibilização, por parte da Parque EXPO, de informação mais actualizada relativa aos investimentos realizados e à previsão de afluência de turistas à Exposição, o DPP procedeu à revisão do referido estudo, constituindo este trabalho o último exercício de avaliação *ex ante do impacto macroeconómico* do empreendimento.

A metodologia agora utilizada é semelhante à seguida no exercício anterior, tendo-se no entanto introduzido alguns aperfeiçoamentos, designadamente no que se refere à avaliação do impacto sobre o Emprego.

O presente estudo abrange apenas o período 1994-98, tendo-se optado por não apresentar, nesta fase, resultados da avaliação para o período pós-EXPO'98 em virtude da informação disponível sobre os investimentos a realizar nesse período ser ainda incompleta.

DPP, Abril de 1998

A Directora Geral

(Alda de Caetano Carvalho)

## ÍNDICE

Síntese	3
1. A dimensão do Empreendimento	4
2. Metodologia utilizada	5
2.1. Aspectos gerais	5
2.2. Avaliação do impacto sobre o Emprego	6
3. Hipóteses consideradas	7
3.1 FBCF atribuível à EXPO'98	8
3.2 Receitas do Turismo atribuíveis à EXPO'98	10
4. Impacto macroeconómico	12
5. Impacto sectorial	15
5.1. Impacto sobre o VAB	15
5.2. Impacto sobre o Emprego	18
Anexo 1 – Breve descrição do modelo multisectorial MODEM 3B	21
Anexo 2 – Correspondência entre os sectores apresentados nos quadros desta publicação e os 49 ramos da NCN (utilizados no MODEM 3B)	23
Anexo 3 – Comparação entre a presente avaliação e a avaliação de Julho 1996	24
1. Dados de base e aspectos metodológicos	24
2. Comparação de resultados	26

## SÍNTESE

O estudo que se apresenta teve como objectivo avaliar o impacto da realização da EXPO'98 sobre o conjunto da economia portuguesa; esta avaliação foi feita apenas na óptica da procura, a nível nacional.

Como instrumento de base utilizou-se um modelo multisectorial de base "input-output" (MODEM 3B). O estudo cobriu o período 1994-1998, tendo-se comparado, para cada ano, os resultados da simulação dos efeitos da EXPO'98 com os valores de um cenário de referência (valores globais, efectivos e previstos para a economia portuguesa). Para o ano de 1998 consideraram-se três hipóteses (central, optimista e pessimista).

Os resultados obtidos são, em síntese, os seguintes:

- Nos anos de **1994 e 1995** o PIB atribuível à EXPO'98 terá representado 0,1% do respectivo valor global para economia portuguesa, envolvendo o emprego cerca de 2 mil indivíduos em 1994 e 4 mil indivíduos em 1995. Estes efeitos resultam das despesas de lançamento do projecto e do início das obras de reconversão do perímetro que recebe a EXPO'98.
- O ano de **1996** foi o ano de arranque dos grandes investimentos na Zona de Intervenção, tendo o PIB atribuível ao empreendimento representado 0,3% do PIB do país nesse ano, criando-se emprego para cerca de 12 mil indivíduos. O sector da Construção Civil foi aquele que sofreu um impacto mais pronunciado.
- Em **1997** o PIB e o Emprego atribuíveis à EXPO'98 representaram 0,6% e 0,4% dos respectivos agregados, o que terá dado emprego a cerca de 19 mil indivíduos. Estes efeitos resultaram da continuação das despesas de investimento associadas à preparação da realização da EXPO'98, nomeadamente a conclusão da infraestruturização da Zona de Intervenção e a construção dos pavilhões e do Oceanário. Em termos sectoriais o maior impacto verificou-se no ramo da Construção Civil.
- O maior impacto sobre a economia portuguesa verificar-se-á no ano de **1998**, em resultado da despesa adicional efectuada pelos turistas estrangeiros que visitarão a exposição e da conclusão das obras associadas ao evento. Estes impactos representarão entre 0,9% e 1,2% do PIB e 0,5% a 0,6% do Emprego Total (representando cerca de 23 a 29 mil indivíduos-ano). Os sectores onde se verificarão os impactos mais significativos serão a Construção, os Restaurantes e Hotéis, o Comércio e os Outros Serviços Mercantis.

### Valores atribuíveis à EXPO'98

	PIB atribuível à EXPO'98 em % do PIB total	Emprego atribuível à EXPO'98 média anual (milhares de indivíduos)
1994	0,1	2
1995	0,1	4
1996	0,3	12
1997	0,6	19
1998	0,9 - 1,2	23 - 29
<b>1994-1998</b>	<b>0,4 - 0,5</b>	<b>12 - 13</b>

## 1. A DIMENSÃO DO EMPREENDIMENTO

A realização da EXPO'98 representa, segundo vários critérios, designadamente capital, volume de investimento e área de intervenção, um empreendimento de dimensão invulgar no contexto nacional.

Em termos reais, o investimento directo e induzido associado ao empreendimento para o período de 1994 a 1998, estimado em 299 milhões de contos (a preços de 1997), representará, em termos médios, 0,3% do PIB do mesmo período.

O peso daquele investimento no total da FBCF da economia portuguesa no mesmo período é de cerca de 1,4%. Cerca de 79% do investimento é orientado para Construção, representando 2,1% do investimento total do País em Construção no período em referência.

No entanto, confinar a importância deste projecto meramente à sua dimensão macro-económica subavalia claramente o seu verdadeiro impacto e relevância. Deverão ser consideradas outras dimensões, designadamente o seu papel na esfera cultural, no reordenamento urbano de uma vasta zona degradada da cidade e no reforço da competitividade externa e interna da Área Metropolitana de Lisboa.

De facto, os principais efeitos a médio e longo prazo da realização da EXPO'98, com destaque para a melhoria das acessibilidades que lhe estão associadas, para a construção de uma nova zona urbanística de qualidade e para a criação de um importante conjunto de infra-estruturas culturais e de lazer, irão beneficiar predominantemente a região de Lisboa, atraindo actividades sobretudo no sector terciário, nomeadamente no domínio do turismo.

Em 1998 a Exposição Mundial de Lisboa irá contar com um número total de visitantes estimado em 7,4 milhões, dos quais 2,8 milhões de estrangeiros e 4,5 milhões de nacionais. Prevê-se que as receitas do turismo de estrangeiros (avaliadas a preços de 1997) geradas pelo evento se situem entre os 50 e os 100 milhões de contos, dos quais dois terços se atribuem à "afluência específica" de 1,2 milhões de turistas estrangeiros. O adicional imputável à EXPO'98 deverá representar entre 5 e 10% das exportações de turismo totais estimadas para o País, neste ano.

Verifica-se, assim, uma certa concentração de impactos, sobretudo ao nível regional, cujos efeitos se deverão fazer sentir principalmente nos sectores da Construção e do Turismo. A longo prazo, a alteração profunda de uma área de Lisboa tão significativa irá seguramente ter reflexos em outras actividades económicas desta zona do País.

## 2. METODOLOGIA UTILIZADA

### 2.1. Aspectos gerais

O exercício de avaliação do impacto macroeconómico da EXPO'98 que se apresenta neste documento recorreu à utilização de um modelo multisectorial de base "input-output" (MODEM 3B), cujas linhas gerais são descritas no Anexo 1, sendo a lógica de funcionamento do modelo a da determinação da oferta pela procura. Não foram considerados os efeitos do lado da oferta.

A opção por um modelo multisectorial para a realização deste exercício, em vez de um modelo macroeconómico, decorre do facto de se pretender medir impactos de um empreendimento com características muito definidas em termos de tipo de investimento. Assim, convém utilizar uma metodologia que tire partido desta informação e que simultaneamente permita avaliar este impacto com maior rigor. A metodologia "input-output", ao permitir ventilar dados e resultados por ramos de actividade, é pois, particularmente adequada.

Por outro lado, a utilização do modelo multisectorial MODEM 3B permite também uma melhor avaliação dos impactos em termos de importações, já que possibilita fazer a diferenciação dos conteúdos importados consoante o ramo de actividade a que se dirige a procura. Sendo verdade que uma parte importante da procura adicional atribuível à EXPO'98 se dirige ao sector da Construção, o qual tem um conteúdo importado abaixo da média, a utilização de um modelo macroeconómico com uma única função de Importações tenderia a sobreavaliar o impacto do investimento associado à EXPO'98 sobre as importações e, portanto, a subavaliar o impacto sobre o PIB.

O modelo utilizado tem, naturalmente, algumas limitações, devendo referir-se: a consideração dos efeitos apenas na óptica da procura que leva a que se esgotem uma vez desaparecida a procura adicional; a não consideração da interacção procura-preços, a qual, se fosse tida em conta, poderia eventualmente conduzir a menores impactos sobre o PIB; e o carácter estático do modelo, implicando que o impacto de uma determinada procura adicional se verifique única e exclusivamente no respectivo ano da sua ocorrência.

Como cenário de referência utilizaram-se os valores verificados e previstos para a economia portuguesa (1994 e 1995: valores das Contas Nacionais; 1996 a 1998: estimativas e previsões do DPP).

A avaliação do impacto macroeconómico da EXPO'98 resultou da comparação dos valores atribuíveis à EXPO'98, simulados pelo modelo, com os valores do cenário de referência.

Este procedimento permitiu estimar os impactos, em termos de percentagem, nas variáveis macroeconómicas globais.

## 2.2. Avaliação do impacto sobre o Emprego

Para a estimação do impacto da EXPO'98 sobre o Emprego tomou-se como ponto de partida os valores da produção atribuíveis ao empreendimento simulados pelo MODEM para cada um dos 49 ramos de actividade e para cada um dos anos do período 1994-1998.

Com base nas Contas Nacionais elaboraram-se estimativas anuais da produtividade do trabalho pelos 49 ramos de actividade. O conceito de produtividade utilizado foi o de Produção efectiva por indivíduo empregado<sup>1</sup>. Seguidamente efectuaram-se projecções das mesmas até ao ano de 1998 com base em cenários elaborados no DPP.

A metodologia utilizada na avaliação de Julho de 1996 consistia em dividir a produção de cada ramo atribuível ao empreendimento pela respectiva produtividade bruta, o que pressupunha a existência, em cada ano e para cada ramo de actividade, de uma proporcionalidade entre Emprego e Produção (elasticidade Emprego-Produção igual a 1). No entanto, na realidade tende a haver uma certa inércia no recrutamento/despedimento de pessoal relativamente à actividade económica (elasticidade inferior a 1), optando as empresas frequentemente, no curto-prazo, por uma utilização mais ou menos intensiva da mão-de-obra já existente, através, por exemplo, do recurso a trabalho extraordinário, particularmente quando se trata de variações não sustentadas da procura. Nessa perspectiva, reconhecia-se, no documento então publicado, que os impactos estimados sobre o Emprego poderiam estar um pouco sobreavaliados, particularmente para o ano de 1998.

Para tentar evitar o problema acima mencionado optou-se, neste exercício, por estimar elasticidades Emprego-Produção por ramos de actividade, combinando os resultados da estimação econométrica com o conhecimento do modo de funcionamento de alguns sectores. As elasticidades estimadas foram utilizadas para calcular factores de correcção às produtividades de referência. Para alguns sectores admitiu-se que a elasticidade Emprego-Produção era mais baixa em 1998 (dado o carácter particularmente ocasional da procura) do que nos restantes anos. No caso da Construção os factores de correcção da

---

<sup>1</sup> Com o Sistema de Contas Nacionais Portuguesas - 1986 (SCNP - 86) o emprego passou a ser expresso em "número de indivíduos", "postos de trabalho" e "volume de emprego". O conceito "número de indivíduos" considera a pessoa empregada independentemente da duração do trabalho (o Inquérito ao Emprego considera empregado um indivíduo que tenha trabalhado pelo menos uma hora na semana de referência.)



produtividade foram calculados tendo em conta os dados, fornecidos pela Parque EXPO, relativamente ao Emprego nas obras associadas à exposição.

O Emprego atribuível à EXPO'98 em cada ramo de actividade foi calculado, dividindo a produção associada ao empreendimento pela respectiva produtividade ajustada. O Emprego total associado ao evento corresponde à soma do Emprego nos diversos sectores.

### **3. HIPÓTESES CONSIDERADAS**

Para a simulação do impacto da EXPO'98 tornou-se necessário definir a procura final adicional exógena atribuível à EXPO'98, a qual é dada como "input" para o modelo. Este determina a procura global (directa, indirecta e induzida), a sua repartição entre produção nacional e importações, e o PIB atribuível ao empreendimento.

Considerou-se que aquela procura adicional se repartia por duas componentes: despesas de investimento (FBCF) e despesas dos turistas não residentes atribuíveis à EXPO'98, isto é, em ambos os casos, as despesas que não teriam sido efectuadas se não existisse a Exposição.

Admitiu-se que a despesa dos residentes com a ida à EXPO'98 não constituía procura adicional, representando antes uma reafecção da despesa global de Consumo Privado.

Considerou-se, por outro lado, um efeito negativo sobre o Rendimento Disponível dos Particulares, resultante de transferências de rendimentos para o exterior referentes a rendimentos do trabalho e ao pagamento de juros de financiamentos concedidos por entidades estrangeiras.

A componente de juros foi obtida a partir dos mapas de amortização do financiamento fornecidos pela Parque EXPO S.A.

A elaboração de estimativas quanto à transferência de rendimentos do trabalho para o exterior partiu de uma análise dos dados fornecidos pela Parque EXPO relativos ao número de trabalhadores estrangeiros em actividade na Zona de Intervenção, por nacionalidades, e à repartição do total de trabalhadores por grupos profissionais, para os anos de 1995 a 1997. A partir desses dados estimou-se uma repartição dos trabalhadores estrangeiros por níveis de qualificação. A cada nível de qualificação foi atribuído um rendimento mensal médio (para cada um dos anos de 1995, 1996 e 1997 com base em informação que se recolheu) e uma taxa de poupança. Desta forma obteve-se o total da poupança dos

trabalhadores estrangeiros em 1995, 1996 e 1997 e considerou-se que toda a poupança era repatriada. Para obter as transferências para 1994 e 1998 admitiu-se que o seu peso no valor da FBCF em Construção atribuível à EXPO'98, era, em 1994 idêntico ao apurado para 1995 e, em 1998 idêntico ao estimado para 1997.

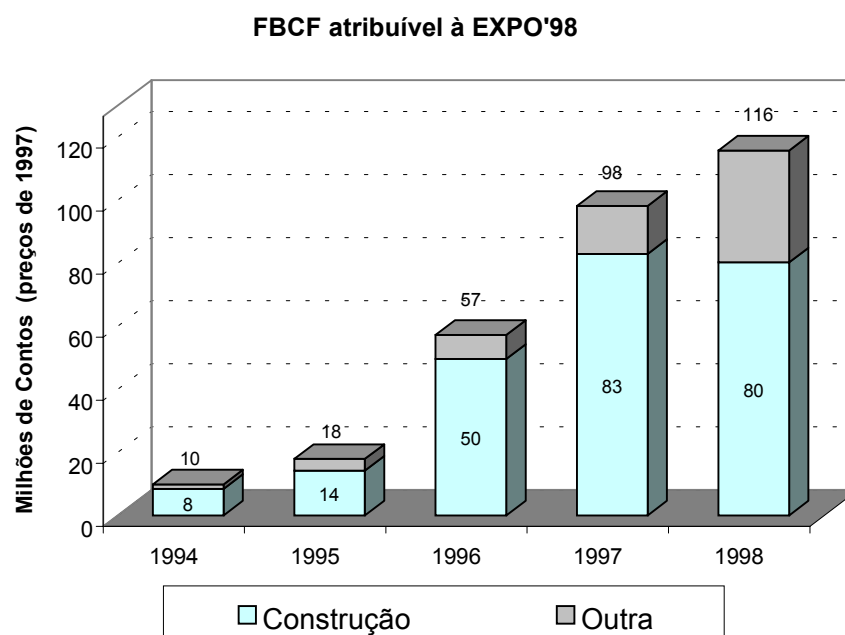
Por inexistência de informação não foram considerados outros rendimentos de factores que possam estar a ser pagos ao exterior, designadamente a eventual transferência de lucros de empresas estrangeiras a operar no empreendimento. Deste facto poderá resultar a sobreavaliação dos efeitos sobre a Procura Interna, em especial sobre o Consumo e, por isso, sobre o PIB.

### 3.1. FBCF atribuível à EXPO'98

Para a Formação Bruta de Capital Fixo foi considerado o investimento directo e induzido do Grupo Parque EXPO. A informação utilizada foi disponibilizada pela Parque EXPO'98, S.A. (estimativas fornecidas em 2/4/98) e inclui a FBCF realizada e a realizar nos anos de 1993-1998.

O valor do investimento no período 1993-98 é de 299 milhões de contos, a preços de 1997, repartindo-se conforme se apresenta no Quadro 1.

Gráfico 1



Neste investimento estão incluídas todas as despesas de infra-estruturação da Zona de Intervenção da Parque EXPO, a construção de uma central de tratamento de lixo (VALORSUL), a maioria das construções efectuadas dentro do recinto da exposição, o conteúdo dos pavilhões temáticos e a construção da Vila Expo. A restante construção de edifícios na zona de intervenção (para habitação, escritórios, etc.) não foi incluída por se considerar que a mesma não era atribuível à realização da EXPO'98.

Estão igualmente incluídas todas as despesas relativas à melhoria de acessos a esta zona efectuadas pelo Grupo Parque EXPO ou por este financiadas.

As restantes despesas com melhoria das acessibilidades, como por exemplo a extensão do metropolitano, a Ponte Vasco da Gama, a extensão da CRIL e ligação à CREL, algumas obras de acessos no interior de Lisboa e o prolongamento das autoestradas, não foram consideradas por se ter admitido que as mesmas se concretizariam mesmo na ausência de exposição embora, talvez, com algum diferimento temporal.

Quadro 1

**FORMAÇÃO BRUTA DE CAPITAL FIXO  
ATRIBUÍVEL À EXPO'98 NO PERÍODO 1993-98**

Milhões de contos - Preços de 1997

	1993	1994	1995	1996	1997	1998	Total 1993-98
Estudos e projectos	0,1	1,1	3,2	3,2	2,8	2,5	13,0
Consultorias	0,0	0,2	0,3	0,7	1,0	1,2	3,3
Construção	0,1	8,4	14,2	49,6	82,9	80,2	235,5
Equipamento (excluindo mobiliário, cenários e decorações)	0,0	0,0	0,0	3,3	8,9	25,5	37,7
Mobiliário	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,2
Cenários e decorações	0,0	0,0	0,0	0,1	0,4	0,9	1,4
Espectáculos, edições e outros eventos	0,1	0,1	0,2	0,4	2,0	5,3	8,1
<b>Total</b>	<b>0,4</b>	<b>9,8</b>	<b>17,9</b>	<b>57,3</b>	<b>98,1</b>	<b>115,8</b>	<b>299,3</b>

As componentes do investimento apresentadas no Quadro 1 foram distribuídas do seguinte modo pelos 49 ramos de actividade das Contas Nacionais: os "Estudos e projectos", as "Consultorias" e os "Espectáculos, edições e outros eventos" foram incluídos no ramo "Serviços prestados às empresas" (ramo 42); a "Construção" foi incluída por inteiro no respectivo ramo (ramo 31); o "Mobiliário" foi distribuído pelos ramos de "Produtos metálicos" (40%), "Madeira e Cortiça" (40%) e "Borracha e matérias plásticas" (20%); os "Cenários e Décor" foram incluídos no ramo "Outros Serviços Comercializáveis"; o equipamento foi distribuído pelos restantes ramos segundo a estrutura da FBCF das Contas Nacionais.

A quantificação do conteúdo importado directo das diferentes componentes do investimento é um dos aspectos delicados deste tipo de estudos. Admitiu-se que, de acordo com a Parque EXPO, nos "Estudos e Projectos" e "Consultorias" o conteúdo importado seria de cerca de 10%, à excepção do caso do Oceanário em que atingiria 100%, sendo de 50% no que se refere a "Cenários e Décor". Relativamente às restantes componentes, assumiram-se os valores de conteúdo importado directo desagregados a 49 ramos utilizados na simulação de referência.

### **3.2. Receitas de Turismo atribuíveis à EXPO'98**

A realização da EXPO'98 induzirá um acréscimo de receitas de turismo. O adicional considerado neste exercício, para 1998, resulta não só do aumento esperado da permanência média dos turistas estrangeiros habituais mas também da afluência específica de turistas que se deslocam a Portugal com a finalidade de visitar a EXPO'98.

Para a estimação das receitas do turismo atribuíveis à EXPO'98, relativas a 1998, tomou-se como ponto de partida um estudo de afluências efectuado para a Parque EXPO, concluído em Dezembro de 1997<sup>2</sup>. Elaboraram-se três cenários contrastados (central, optimista e pessimista), apresentados no Quadro 2, em que variam o número de visitantes, a duração da sua permanência e a respectiva despesa média diária. Os valores relativos à afluência de estrangeiros correspondem aos apresentados no estudo mencionado. Admitiu-se que, dentro do total de afluência específica de espanhóis, havia uma parcela de excursionistas, ou seja, de visitantes que não pernoitam em Portugal (estimada tendo em conta o número de espanhóis que se prevê serem provenientes das regiões fronteiriças), maior no cenário pessimista e menor no cenário optimista. Relativamente às outras nacionalidades admitiu-se também, com base no mesmo estudo, que existirá uma parcela de excursionistas, constituída pelos turistas com destino a Espanha que aproveitam a proximidade de Portugal para fazer uma visita à exposição.

Consoante o tipo de visitante admitiu-se um determinado nível de despesa média diária, mais baixo para os excursionistas do que para os turistas (por não incluir a despesa de alojamento), tendo em conta os resultados do último Inquérito aos Gastos dos Estrangeiros Não Residentes (INE, 1994), corrigidos da evolução dos preços e da composição etária e tipologia dos visitantes (atendendo a que os gastos médios apresentados pelo INE estão definidos em Equivalente a Adulto).

---

<sup>2</sup> Euro RSCG Consulting, **Previsão de Afluências – EXPO'98 – Actualização Dezembro 97 – Relatório-Síntese**

A despesa média diária de turistas estrangeiros não espanhóis que se deslocam a Portugal propositadamente para visitar a exposição foi majorada para ter em conta as despesas com transporte para Portugal realizado por transportadoras nacionais. Note-se que esta despesa não está incluída nas despesas médias diárias dos estrangeiros calculadas pelo INE, sendo esta despesa contabilizada (em termos de Contas Nacionais) como uma exportação de Serviços de Transporte.

Quadro 2

Estimativa das Receitas de Turismo<sup>(a)</sup> atribuíveis à EXPO'98 - 1998

Afluência de estrangeiros				Número de visitantes (milhares)	Número de dias (b)	Despesa (preços de 1997)		
						Média diária (contos)	Total (10 <sup>6</sup> contos)	
Cenário Central	Específica	espanhóis	excursionistas	300	1,0	8,8	2,7	
			outros	574	3,0	13,3	22,8	
			total	874	2,3	12,6	25,5	
		outras nacionalidades	276	5,0	17,7	24,4		
		total	1150	3,0	14,7	49,9		
	Corrente	destino Portugal		1590	1,0	13,3	21,1	
		destino Espanha		103	1,0	8,8	0,9	
		total		1693	1,0	13,0	22,0	
	<b>Total</b>				<b>2843</b>	<b>1,8</b>	<b>14,1</b>	<b>71,9</b>
	Cenário Optimista	Específica	espanhóis	excursionistas	250	1,0	9,9	2,5
outros				637	3,5	14,4	32,0	
total				887	2,8	13,9	34,5	
outras nacionalidades			280	5,5	18,8	29,0		
		total	1168	3,4	15,8	63,5		
Corrente		destino Portugal		1614	1,5	14,4	34,8	
		destino Espanha		104	1,0	9,9	1,0	
		total		1719	1,5	14,2	35,8	
<b>Total</b>				<b>2886</b>	<b>2,3</b>	<b>15,2</b>	<b>99,3</b>	
Cenário Pessimista		Específica	espanhóis	excursionistas	350	1,0	7,7	2,7
	outros			511	2,5	12,2	15,5	
	total			861	1,9	11,2	18,2	
	outras nacionalidades		272	4,5	16,6	20,3		
		total	1133	2,5	13,5	38,5		
	Corrente	destino Portugal		1566	0,5	12,2	9,5	
		destino Espanha		101	1,0	7,7	0,8	
		total		1667	0,5	11,6	10,3	
	<b>Total</b>				<b>2800</b>	<b>1,3</b>	<b>13,1</b>	<b>48,8</b>

(a) Incluindo a Exportação de serviços de Transporte de passageiros.

(b) Número de dias de permanência em Portugal atribuíveis à EXPO'98 por visitante estrangeiro.

As despesas médias diárias dos cenários pessimista e optimista foram obtidas respectivamente subtraindo e adicionando cerca de 1,1 contos às despesas admitidas no cenário central.

Admitiram-se, por outro lado, hipóteses quanto ao número médio de dias de permanência em Portugal, atribuíveis à EXPO'98, por visitante estrangeiro. No caso dos excursionistas a permanência é, por definição, de apenas um dia. Relativamente aos estrangeiros que se deslocam a Portugal propositadamente para visitar a exposição (afluência específica) admitiu-se, no cenário central, que os espanhóis permaneceriam, em média, 3 dias e os de outras nacionalidades 5 dias. No caso da afluência corrente admitiu-se que, em alguns casos, os turistas poderiam não prolongar a estadia em Portugal para ir à EXPO'98 mas simplesmente, por exemplo, trocar um ou dois dias de praia por idas à Exposição - razão porque se admite, no cenário central, apenas um dia de extensão de permanência, em média.

Os números de dias de permanência dos turistas nos cenários pessimista e optimista foram obtidos respectivamente reduzindo e aumentando em meio dia a permanência admitida no cenário central.

A Receita total de Turismo atribuível à EXPO'98 em 1998 foi obtida através da agregação do produto "nºvisitantes×nºdias permanência×despesa média diária", para os vários tipos de visitantes, tendo-se obtido uma estimativa situada entre os 49 e os 99 milhões de contos (72 m.c. no cenário central), a preços de 1997.

A metodologia adoptada assentou numa lógica de procura, sem se ter tido em conta eventuais restrições do lado da oferta, designadamente quanto a alojamento dos turistas. Estas restrições não foram consideradas em virtude de não se dispôr de dados quanto à capacidade da oferta de camas não recenseada, que, nos últimos anos, tem abrangido mais de metade das dormidas gerais de estrangeiros em Portugal.

A avaliação do impacto das despesas de turismo associadas à EXPO'98 implicou a sua ventilação pelos 49 ramos de actividade utilizados no modelo de acordo com uma estrutura de consumo do turista estrangeiro em Portugal estimada a partir dos resultados do Inquérito aos Gastos dos Estrangeiros Não Residentes em Portugal - 1994 (INE) e adaptada às circunstâncias específicas associadas à EXPO'98.

#### **4. IMPACTO MACROECONÓMICO**

Os vectores a 49 ramos resultantes da desagregação das despesas de FBCF e da Despesa dos Turistas Não Residentes atribuíveis à EXPO'98 constituíram, assim, "inputs" para a "corrida" do modelo MODEM 3B, através do qual se simulou o cenário dos efeitos da EXPO'98 em cada um dos anos do período em análise.

Para o ano de 1998 consideraram-se três simulações dos valores atribuíveis à EXPO'98: o cenário central e os cenários otimista e pessimista, que traduzem as diferentes hipóteses em relação às receitas de Turismo atribuíveis à EXPO'98, explicitadas no ponto 3.2.

Quadro 3

**IMPACTO MACROECONÓMICO DA EXPO'98**

(% do nível de cada variável)

	1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
<b>Hipótese Central</b>						
Consumo privado	0,0	0,1	0,2	0,4	0,7	0,3
FBCF	0,3	0,5	1,4	2,1	2,3	1,4
Exportações	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	0,3
Importações	0,1	0,1	0,4	0,6	1,0	0,5
PIB	0,1	0,1	0,3	0,6	1,0	0,4
<b>Hipótese Optimista</b>						
Consumo privado	0,0	0,1	0,2	0,4	0,8	0,3
FBCF	0,3	0,5	1,4	2,1	2,3	1,4
Exportações	0,0	0,0	0,0	0,0	1,5	0,3
Importações	0,1	0,1	0,4	0,6	1,2	0,5
PIB	0,1	0,1	0,3	0,6	1,2	0,5
<b>Hipótese Pessimista</b>						
Consumo privado	0,0	0,1	0,2	0,4	0,6	0,3
FBCF	0,3	0,5	1,4	2,1	2,3	1,4
Exportações	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,2
Importações	0,1	0,1	0,4	0,6	0,9	0,5
PIB	0,1	0,1	0,3	0,6	0,9	0,4

Os resultados obtidos foram comparados com os do cenário global de referência, tendo-se determinado os impactos apresentados no Quadro 3 para cada uma das hipóteses.

Os valores apresentados referem-se aos valores atribuíveis à EXPO'98 em percentagem dos valores globais das respectivas variáveis macroeconómicas no cenário de referência.

As Exportações e Importações aqui referidas incluem o Turismo, sendo o Consumo Privado relativo apenas a residentes.

Prevê-se que o impacto mais significativo resultante da realização da EXPO'98 se verifique em **1998**, representando o PIB atribuível a este empreendimento cerca de 1% do valor global desta variável neste ano (na hipótese central). Este impacto resulta da combinação

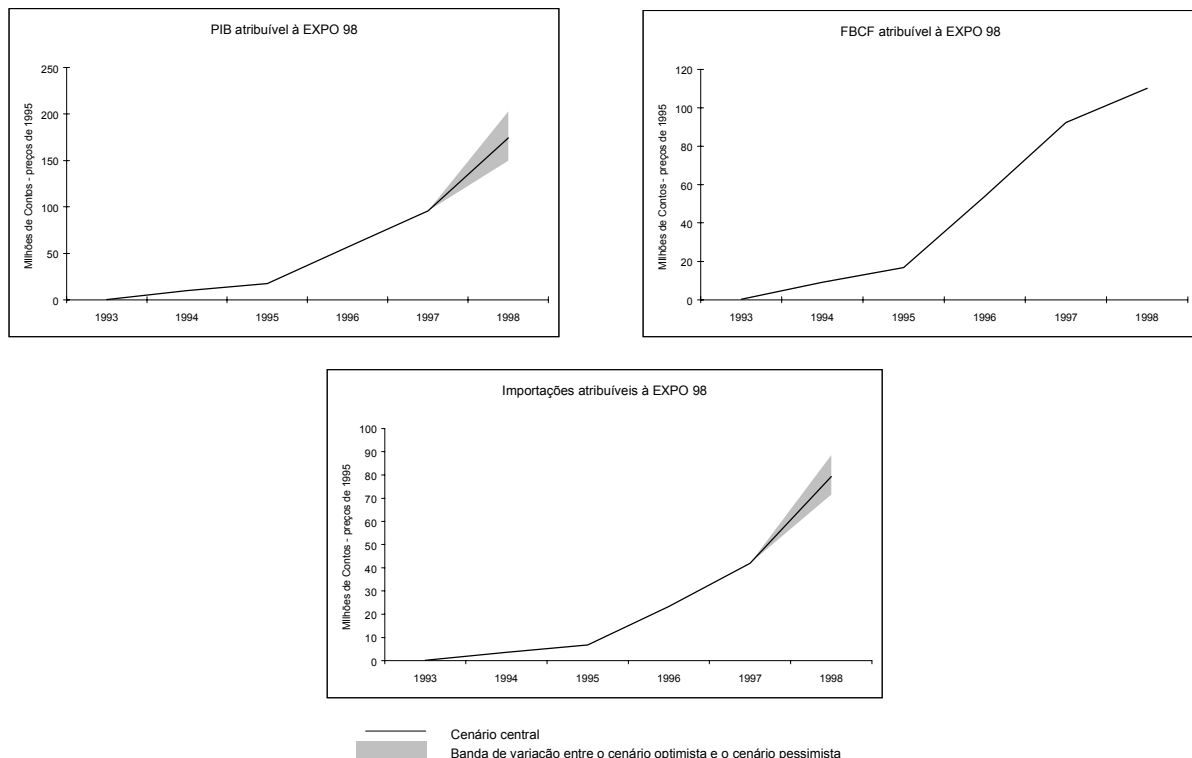
das despesas adicionais dos turistas estrangeiros que visitarão a EXPO'98, com as despesas de investimento atribuíveis ao empreendimento, que atingirão o seu ponto culminante também neste ano.

O acréscimo de rendimento gerado induzirá, por seu turno, maior consumo dos residentes.

O adicional de consumo (de residentes e não residentes sobre o território) e de investimento atribuível à EXPO conduzirá também à necessidade de maiores importações, tendo em conta o conteúdo importado directo e indirecto daquelas despesas.

Gráfico 2

**AVALIAÇÃO DO IMPACTO MACROECONÓMICO DA EXPO'98**  
(Milhões de contos - preços de 1995)



No período de **1994 a 1997** o impacto sobre o PIB é crescente ao longo dos anos e resulta essencialmente das despesas de investimento preparatórias da realização da EXPO, a que se junta o consumo induzido pelos maiores rendimentos gerados, deduzindo-se as importações adicionais de bens de investimento, intermédios e de consumo.



Nos anos de **1994 e 1995** o impacto não foi ainda muito significativo uma vez que o montante de investimento era ainda relativamente reduzido. O investimento nestes anos diz respeito aos trabalhos de preparação da Zona de Intervenção, nomeadamente à remoção das instalações industriais ali existentes e dos edifícios e parques degradados. Os anos de **1996 e 1997** representam o período de maiores intervenções que dizem respeito à construção das infraestruturas e dos edifícios necessários para a realização da EXPO'98.

No período **1994 a 1997** o impacto sobre as exportações é nulo uma vez que a infraestruturização da zona não tem qualquer efeito sobre as vendas de Portugal ao estrangeiro. Em **1998** verificar-se-á um impacto sobre as exportações, resultante de um adicional de exportações de Turismo e de Transportes.

A construção de um cenário optimista e de um cenário pessimista, com base em diferentes hipóteses sobre as exportações de turismo em **1998**, permitiu obter um intervalo para os valores de cada uma das componentes da despesa e para o emprego. Estes intervalos são representados no gráfico 1 pela banda a sombreado. O cenário optimista corresponde ao limite superior da banda e o cenário pessimista ao limite inferior.

## **5. AVALIAÇÃO DO IMPACTO SECTORIAL**

### **5.1. Impacto sobre o VAB**

Conhecidos os impactos sobre o produto e as componentes da despesa, torna-se importante ventilar os resultados macroeconómicos em termos sectoriais. O perfil do projecto e os investimentos que lhe estão associados determinam naturalmente repercussões diferenciadas na estrutura produtiva da economia portuguesa.

O impacto da EXPO'98 sobre o VAB de cada ramo de actividade foi calculado através do modelo MODEM, aplicando-se à produção simulada pelo modelo para cada ramo os respectivos coeficientes VAB/Produção estimados com base no QES de 1992.

Nos anos de **1994 e 1995** o impacto no VAB dos ramos foi relativamente reduzido, uma vez que também o investimento foi mais modesto que nos anos seguintes. A nível sectorial o impacto mais relevante diz respeito ao sector da Construção e respectivos ramos fornecedores, em resultado da concentração da procura adicional em investimentos de

preparação das infra-estruturas necessárias à realização do evento. O VAB atribuível à EXPO'98 representou, em cada um daqueles anos, respectivamente 0,4 e 0,7% do VAB total do ramo no caso da Construção.

Quadro 4

VAB DE CADA RAMO ATRIBUÍVEL À EXPO'98 EM % DO VAB TOTAL DO RAMO

	1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
<b>Hipótese Central</b>						
Indústria e Energia	0,1	0,1	0,3	0,5	0,7	0,3
Construção	0,4	0,7	2,4	3,7	3,4	2,2
Comércio Rest. Hotéis	0,1	0,1	0,3	0,5	1,5	0,5
Outros Serviços	0,0	0,1	0,2	0,3	0,8	0,3
<b>Hipótese Optimista</b>						
Indústria e Energia	0,1	0,1	0,3	0,5	0,8	0,3
Construção	0,4	0,7	2,4	3,7	3,5	2,2
Comércio Rest. Hotéis	0,1	0,1	0,3	0,5	1,9	0,6
Outros Serviços	0,0	0,1	0,2	0,3	0,9	0,3
<b>Hipótese Pessimista</b>						
Indústria e Energia	0,1	0,1	0,3	0,5	0,6	0,3
Construção	0,4	0,7	2,4	3,7	3,4	2,2
Comércio Rest. Hotéis	0,1	0,1	0,3	0,5	1,2	0,5
Outros Serviços	0,0	0,1	0,2	0,3	0,6	0,3

Em **1996** e **1997** a repartição sectorial do impacto terá sido semelhante à do período 1994-96, mas a intensidade do efeito foi reforçada com a aproximação da abertura da exposição e a conclusão das infra-estruturas e construção de pavilhões. O VAB atribuível à EXPO representou respectivamente 2,4 e 3,7% do VAB total do ramo no caso da Construção.

Em **1998** registar-se-ão importantes impactos sectoriais não só na Construção e respectivos sectores a montante (associados à conclusão das obras de preparação da exposição) como também no Comércio, Restaurantes e Hotéis e nos Outros Serviços (associados, nomeadamente, às despesas dos turistas que visitarão a exposição). Os três cenários que se elaboraram para as receitas do turismo atribuível à EXPO'98 têm especial influência na determinação do impacto da EXPO'98 no sector Comércio, Restaurantes e Hotéis.

Quadro 5

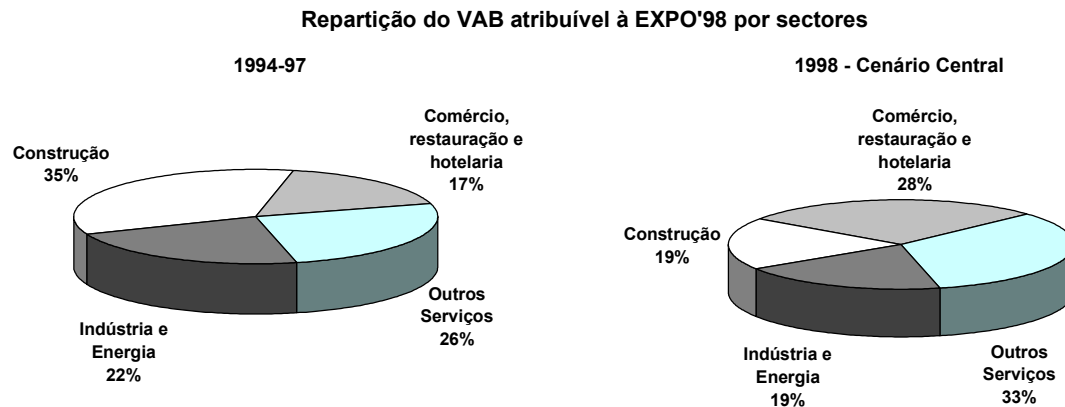
**ESTRUTURA DO VAB ATRIBUÍVEL À EXPO'98**

	1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
<b>Hipótese Central</b>						
Indústria e Energia	22	21	22	23	19	21
Construção	34	32	35	35	19	27
Comércio Rest. Hotéis	16	15	17	18	28	22
Outros Serviços	28	31	26	25	33	30
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Hipótese Optimista</b>						
Indústria e Energia	22	21	22	23	19	21
Construção	34	32	35	35	16	25
Comércio Rest. Hotéis	16	15	17	18	30	24
Outros Serviços	28	31	26	25	35	31
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
<b>Hipótese Pessimista</b>						
Indústria e Energia	22	21	22	23	20	21
Construção	34	32	35	35	22	29
Comércio Rest. Hotéis	16	15	17	18	26	21
Outros Serviços	28	31	26	25	32	29
<b>TOTAL</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Quando se toma o período **1994-1997**, a estrutura do VAB atribuível à EXPO'98 é muito semelhante em todos os anos, sendo o sector da Construção aquele que arrecada o peso maior (cerca de 35% do VAB gerado). Os sectores de Outros Serviços e de Indústria e Energia têm pesos que rondam os 26 e 22% respectivamente. Esta estrutura é compatível com o tipo de despesa atribuível à EXPO'98 neste período, que diz respeito à construção de infraestruturas.

Em **1998**, há uma alteração destes pesos. Os sectores de Indústria e Energia e de Construção passam a ser responsáveis por uma menor fatia do VAB atribuível à EXPO'98 (com pesos em torno dos 19% para cada um). O sector de Outros Serviços passa a ser o que gera a maior fatia do VAB atribuível com cerca de 33%, seguido pelo do Comércio, Restaurantes e Hotéis com cerca de 28%. Note-se que estes pesos são bastante influenciados pelo cenário relativo às receitas do Turismo.

Gráfico 3



Considerando as características do empreendimento e a especificidade do sector agrícola, que no modelo utilizado é tratado como ramo de produção exógena, admitiu-se que a realização deste projecto não daria origem a um acréscimo de produção. Com efeito, o sector agrícola não responde da mesma forma que os sectores da indústria e a generalidade dos serviços aos estímulos de procura, em resultado dos respectivos constrangimentos de expansão de capacidade produtiva, bem como da forte presença de factores de natureza exógena (nomeadamente as condições climáticas) nas determinantes dos níveis de produção.

## 5.2. Impacto sobre o Emprego

O Emprego total associado ao evento corresponde à soma do Emprego nos diversos sectores.

A evolução temporal do nível de emprego atribuível ao empreendimento é apresentada no quadro 6 e no gráfico 4.

Os anos de **1994** e **1995** apresentam um impacto relativamente reduzido, tendo envolvido respectivamente cerca de 2 mil e 4 mil indivíduos, metade dos quais no sector da Construção. Nos anos de **1996** e **1997** os trabalhos de preparação da exposição intensificaram-se, estimando-se que tenham gerado um emprego correspondente a 12 mil e 19 mil indivíduos, repectivamente, sendo a estrutura semelhante à do período anterior.

Quadro 6

**IMPACTO DA EXPO'98 NO EMPREGO**

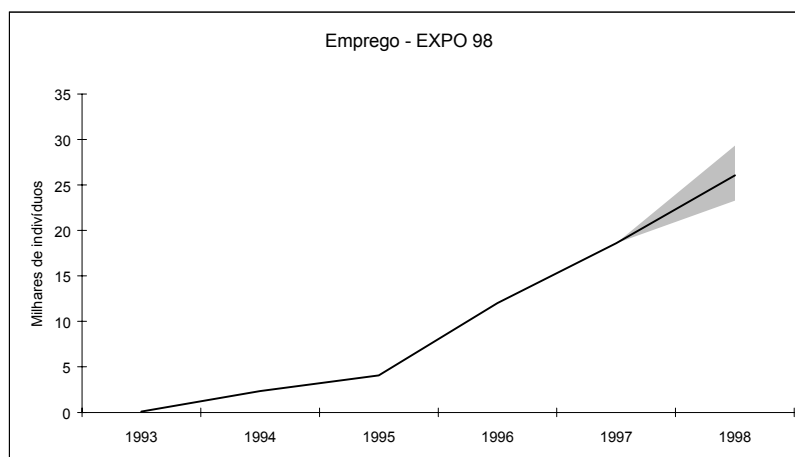
(Milhares de indivíduos)

	1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
<b>Hipótese Central</b>						
Indústria e Energia	0,4	0,6	2,0	3,3	4,6	2,2
Construção	1,3	2,0	6,4	9,4	9,0	5,6
Comércio Rest. Hotéis	0,3	0,5	1,7	2,9	5,0	2,1
Outros Serviços	0,4	0,9	1,9	3,0	7,4	2,7
<b>TOTAL</b>	<b>2,4</b>	<b>4,0</b>	<b>12,0</b>	<b>18,6</b>	<b>26,0</b>	<b>12,6</b>
<b>Hipótese Optimista</b>						
Indústria e Energia	0,4	0,6	2,0	3,3	5,1	2,3
Construção	1,3	2,0	6,4	9,4	9,1	5,6
Comércio Rest. Hotéis	0,3	0,5	1,7	2,9	6,1	2,3
Outros Serviços	0,4	0,9	1,9	3,0	9,1	3,1
<b>TOTAL</b>	<b>2,4</b>	<b>4,0</b>	<b>12,0</b>	<b>18,6</b>	<b>29,3</b>	<b>13,3</b>
<b>Hipótese Pessimista</b>						
Indústria e Energia	0,4	0,6	2,0	3,3	4,2	2,1
Construção	1,3	2,0	6,4	9,4	9,0	5,6
Comércio Rest. Hotéis	0,3	0,5	1,7	2,9	4,1	1,9
Outros Serviços	0,4	0,9	1,9	3,0	6,0	2,4
<b>TOTAL</b>	<b>2,4</b>	<b>4,0</b>	<b>12,0</b>	<b>18,6</b>	<b>23,3</b>	<b>12,1</b>

O Emprego atribuível à EXPO'98 deverá atingir um máximo em **1998**, com cerca de 23 a 29 mil pessoas empregadas. Neste ano a repartição sectorial do Emprego gerado pela EXPO'98 será diferente da dos anos anteriores, ganhando mais peso os serviços, com cerca de metade do Emprego total associado ao evento, a que corresponderão entre 10 e 15 mil postos de trabalho.

Gráfico 4

**TRAJECTÓRIA DO EMPREGO ATRIBUÍVEL À EXPO'98**



— Cenário central  
 Banda de variação entre o cenário optimista e o cenário pessimista

O peso do Emprego atribuível à EXPO'98 no Emprego total de cada ramo é crescente ao longo do período **1994-98**, assumindo valores superiores a 1% no caso da Construção em 1996 (1,8%), 1997 (2,5%) e 1998 (2,3%).

Quadro 7

**EMPREGO ATRIBUÍVEL À EXPO'98 EM % DO EMPREGO TOTAL DO RAMO**

	1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
<b>Hipótese Central</b>						
Indústria e Energia	0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,2
Construção	0,4	0,6	1,8	2,5	2,3	1,5
Comércio Rest. Hotéis	0,0	0,1	0,2	0,4	0,6	0,3
Outros Serviços	0,0	0,1	0,1	0,2	0,4	0,2
<b>TOTAL</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>0,6</b>	<b>0,3</b>
<b>Hipótese Optimista</b>						
Indústria e Energia	0,0	0,1	0,2	0,3	0,5	0,2
Construção	0,4	0,6	1,8	2,5	2,3	1,5
Comércio Rest. Hotéis	0,0	0,1	0,2	0,4	0,8	0,3
Outros Serviços	0,0	0,1	0,1	0,2	0,5	0,2
<b>TOTAL</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>0,6</b>	<b>0,3</b>
<b>Hipótese Pessimista</b>						
Indústria e Energia	0,0	0,1	0,2	0,3	0,4	0,2
Construção	0,4	0,6	1,8	2,5	2,3	1,5
Comércio Rest. Hotéis	0,0	0,1	0,2	0,4	0,5	0,2
Outros Serviços	0,0	0,1	0,1	0,2	0,3	0,1
<b>TOTAL</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>0,3</b>	<b>0,4</b>	<b>0,6</b>	<b>0,3</b>

## **ANEXO 1: BREVE DESCRIÇÃO DO MODELO MULTISSECTORIAL MODEM 3B<sup>3</sup>**

O MODEM 3B é um modelo estático, multisectorial, anual, de base “input-output”, com 49 ramos de actividade e de determinação simultânea.

O modelo assenta na lógica de determinação da Oferta pela Procura Final. Nesta versão todas as componentes da Procura Final são exógenas, com excepção do Consumo Privado.

O modelo permite simular o impacto de aumentos exógenos da procura final e do rendimento disponível sobre a actividade económica nacional (Produção, VAB, Consumo Privado, PIB) e as Importações, em termos globais e por ramos de actividade.

A maioria das variáveis do modelo são determinadas a preços de 1992, embora existam variáveis que também são determinadas a preços correntes, casos do PIB e do Rendimento Disponível. Os principais agregados macroeconómicos são também determinados a preços de 1995. Os preços são exógenos, estando actualmente em preparação um bloco de preços para incluir em futuras versões do modelo.

A Produção e as Importações de bens de cada ramo são determinadas pela respectiva procura final, utilizando matrizes de coeficientes técnicos decompostos em coeficientes de produção nacional e de importação. É excepção a esta regra a Produção dos ramos 1 a 3 (Produtos da agricultura e da caça, Produtos da silvicultura e exploração florestal e Produtos da pesca), que pelas suas características, se entendeu mais correcto tomar como exógena, sendo o ajustamento entre procura e oferta efectuado através das importações.

Os coeficientes técnicos do modelo foram calculados a partir de um sistema de matrizes para 1992, composto por seis matrizes: Fluxos Totais, Produção Nacional, Importações, Impostos sobre importações, Margens comerciais e IVA. Para os anos de 1994 e seguintes admitiu-se que os coeficientes técnicos totais se mantinham constantes e idênticos aos calculados para 1992. A repartição destes coeficientes entre componente nacional e componente importada foi estimada ano a ano de modo a conduzir à simulação, por parte do modelo (simulação de referência), dos valores estimados e previstos para os agregados macroeconómicos. Procedeu-se, portanto, a uma calibragem do modelo ano a ano, por forma a que o modelo reproduzisse os dados relativos à economia portuguesa (efectivos ou previstos).

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes ver Dias, Ana Maria, **MODEM 3 – Um Modelo Multisectorial para a Economia portuguesa**, DPP, Dezembro 1997.

O Valor Acrescentado de cada ramo obtém-se multiplicando a respectiva produção por um coeficiente de transformação do produto.

O Consumo Privado total dos Residentes é determinado pelo Rendimento Disponível dos particulares deflacionado pelo índice de preços do Consumo Privado. A passagem para o Consumo Privado sobre o Território faz-se tendo em conta as Exportações e Importações de Turismo, sendo repartida pelos 49 ramos de actividade a partir de estruturas de consumo exógenas (diferenciadas consoante se trate de residentes ou de não residentes).

O Rendimento Disponível dos particulares é determinado a partir do PIB a preços correntes, ao qual se subtrai a poupança das sociedades e o rendimento disponível do Sector Público Administrativo e se adicionam os saldos dos rendimentos e das transferências provenientes do exterior.

O Rendimento Disponível do SPA depende positivamente do valor global do impostos recebidos e negativamente das transferências efectuadas para empresas e particulares. No modelo os impostos surgem decompostos em Impostos Directos sobre os Particulares, Impostos Directos sobre as Sociedades e Impostos Indirectos, os quais são respectivamente função do Rendimento Disponível dos particulares, do PIB e da Procura Interna, avaliados a preços correntes.

O PIB é determinado pela soma das componentes da Procura Final, deduzidas das Importações Totais.



## ANEXO 2: CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS SECTORES APRESENTADOS NOS QUADROS DESTA PUBLICAÇÃO E OS 49 RAMOS DA NCN (UTILIZADOS NO MODEM 3B)

Sectores considerados na publicação	Ramos NCN 49 / MODEM 3B
Indústria e Energia	04 Extracção e fabricação de derivados do carvão 05 Extracção e refinação do petróleo 06 Electricidade, gás e água 07 Extracção e transformação de minérios ferrosos e não ferrosos 08 Extracção e transformação de minerais não metálicos 09 Fabricação de porcelana, faiança, grés fino e olaria de barro 10 Fabricação de vidro e de artigos de vidro 11 Fabricação de outros materiais de construção 12 Fabricação de produtos químicos 13 Fabricação de produtos metálicos 14 Fabricação de máquinas não eléctricas 15 Fabric. máquinas, aparelhos, utensílios e outro material eléctrico 16 Construção de material de transporte 17 Abate e conservas de carne 18 Indústria de lacticínios 19 Conserva de peixe e de outros produtos da pesca 20 Produção de óleos e gorduras animais e vegetais 21 Fabricação de produtos dos cereais e leguminosas 22 Fabricação de outros produtos alimentares 23 Indústria das bebidas 24 Indústria do tabaco 25 Indústrias têxteis e do vestuário 26 Indústrias curtumes e artigos de couro e seus substitutos e pele 27 Indústria da madeira e da cortiça 28 Indústria do papel, artes gráficas e edição de publicações 29 Fabricação de artigos de borracha e de matérias plásticas 30 Outras indústrias transformadoras
Construção	31 Construção e obras públicas
Comércio, Restaurantes e Hotéis	33 Comércio por grosso e a retalho 34 Restaurantes e hotéis
Outros Serviços	35 Transportes terrestres e de navegação interna 36 Transportes marítimos, cabotagem e aéreos 37 Serviços anexos aos transportes 38 Comunicações 39 Bancos e outras instituições monetárias e financeiras 40 Seguros 42 Serviços prestados principalmente às empresas 32 Recuperação e reparação 41 Propriedade de casas de habitação 43 Serviços comercializáveis de educação e investigação 44 Serviços comercializáveis de saúde e veterinários 45 Outros serviços pessoais comercializáveis 46 Serviços não comercializáveis da Administração Pública 47 Serviços não comercializáveis de educação e investigação 48 Serviços não comercializáveis de saúde e veterinários 49 Outros serviços não comercializáveis

## ANEXO 3: COMPARAÇÃO ENTRE A PRESENTE AVALIAÇÃO E A AVALIAÇÃO DE JULHO DE 1996

### 1. Dados de base e aspectos metodológicos

Os resultados da presente avaliação diferem dos que foram divulgados em Julho de 1996 principalmente devido a alterações nos dados de base (valor e calendarização dos investimentos atribuíveis à EXPO'98 e previsão das receitas do turismo decorrentes do empreendimento).

No que respeita às despesas de investimento o quadro 8 apresenta a comparação entre os dados actuais e os que tinham sido utilizados na avaliação de 1996 (hipótese "baixa"), convertidos para preços de 1997, correspondentes ao investimento directo e induzido do grupo Parque EXPO (estimativas e previsões da Parque EXPO respectivamente de Abril de 1998 e de 1994).

Quadro 8

#### FBCF atribuível à EXPO'98 - 1993-98 (milhões de contos - preços de 1997)

Ano	Data da Avaliação	
	Julho de 1996 Hipótese "Baixa"	Abril de 1998
1993	0,3	0,4
1994	15,7	9,8
1995	40,9	17,9
1996	59,4	57,3
1997	58,8	98,1
1998	16,9	115,8
<b>Total 1993-98</b>	192,0	299,3

Fonte: Parque EXPO

Como pode verificar-se, o valor global dos investimentos subiu de 192 para 299 milhões de contos, verificando-se, por outro lado, um deslize temporal dos mesmos, situando-se agora o ponto mais alto em 1998, quando antes se previa que o mesmo se situasse em 1996.

Relativamente às receitas do Turismo, utilizaram-se, no presente exercício, projecções efectuadas no DPP tendo em conta um estudo de afluências de Dezembro de 1997. Na avaliação anterior haviam-se utilizado as previsões de receitas de turismo elaboradas pela

Parque EXPO em 1994. O quadro 9 explicita as diferenças relativamente à previsão de Receitas do Turismo.

Quadro 9

**Receitas do Turismo atribuíveis à EXPO'98  
(milhões de contos - preços de 1997)**

Ano	Data da avaliação			
	Julho de 1996 (a)	Abril de 1998 (b)		
		cenário central	cenário optimista	cenário pessimista
1998	173	72	99	49

(a) Valores calculados a partir de previsões da Parque EXPO elaboradas em 1994

(b) Previsão DPP com base no Estudo de afluências de Dezembro de 1997 (EURO RSCG CONSULTING)

As previsões de receitas do Turismo associadas à EXPO'98 para o ano de 1998 são, no exercício actual, substancialmente inferiores às utilizadas na avaliação levada a cabo em 1996, o que resulta, principalmente, de o DPP ter admitido hipóteses mais baixas do que a Parque EXPO quanto ao número médio de dias de permanência dos turistas, atribuíveis à EXPO'98.

Para além das alterações nos dados de base verificaram-se também algumas alterações de carácter metodológico, mas que não afectam significativamente os resultados a não ser no caso do Emprego. Assim, procedeu-se ao aperfeiçoamento do modelo multisectorial, nomeadamente, a uma actualização dos respectivos coeficientes técnicos com base em Contas Nacionais mais recentes, e a uma maior desagregação sectorial, passando o modelo a utilizar dados e produzir resultados para os 49 ramos da Nomenclatura das Contas Nacionais (a versão utilizada em 1996 continha apenas 25 ramos). As alterações no que se refere à avaliação dos impactos sobre o Emprego já foram explicitadas no ponto 2.2.

É de salientar que foi analisado o impacto das alterações ao modelo nos resultados, tendo-se verificado que, apesar do modelo ser agora mais rigoroso, os impactos macroeconómicos e sectoriais não sofrem alterações significativas. Desta forma, é possível atribuir a generalidade das diferenças entre as duas avaliações à alteração dos dados de base.

Verificaram-se, por outro lado, algumas alterações nos valores do cenário de referência, decorrentes de: a) divulgação, por parte do INE, de novos dados para as Contas Nacionais,

designadamente uma revisão retrospectiva dos respectivos valores, que conduziu, nomeadamente, a uma correcção para cima dos níveis do PIB e da FBCF; b) revisão das estimativas e previsão do DPP para o período 1996-98.

Para além destas alterações abandonou-se, na presente avaliação, a hipótese “alta” da avaliação realizada em 1996, a qual consistia em incluir na FBCF atribuível à EXPO'98 não só o investimento associado ao grupo Parque EXPO mas também toda a construção de edifícios a realizar na zona de intervenção (destinados a habitação, escritórios, etc.). A razão para o abandono dessa hipótese foi o ter-se considerado que tal construção não corresponderia a uma procura adicional em termos nacionais, tratando-se antes de uma transferência de procura entre zonas geográficas.

Em contrapartida, a actual avaliação considera, para além de uma hipótese central, duas outras hipóteses (optimista e pessimista) relacionadas com diferentes previsões quanto às receitas do turismo.

## **2. Comparação de resultados**

No quadro 10 apresenta-se a comparação dos resultados da avaliação realizada em Julho (hipótese “baixa”) e a actual (hipótese central) no que respeita ao PIB, componentes da despesa e Emprego. As alterações de resultados são compreensíveis, tendo em conta as alterações nos dados de base.

Assim, verifica-se um menor impacto do que o anteriormente previsto no período de 1994-96, e um impacto mais elevado em 1997, o que decorre do deslize temporal das despesas de investimento.

No que se refere ao ano de 1998 o efeito sobre o PIB, previsto na avaliação actual, é relativamente semelhante ao da avaliação anterior em virtude de a redução na previsão das receitas do Turismo ter sido compensada por um aumento nas despesas de investimento programadas.

Em termos da média do período 1994-1998 os resultados da avaliação de Julho de 1996 e da actual são relativamente semelhantes (impacto médio anual sobre o PIB de 0,4%).

Quadro 10

**COMPARAÇÃO ENTRE A AVALIAÇÃO DE JULHO DE 1996 (HIPÓTESE "BAIXA")  
E A ACTUAL (CENÁRIO CENTRAL)**

( valores atribuíveis à EXPO'98 em % dos valores para a economia nacional)

		1994	1995	1996	1997	1998	1994-1998
Consumo privado	Julho 96	0,1	0,2	0,3	0,2	0,5	0,3
	Abril 98	0,0	0,1	0,2	0,4	0,7	0,3
FBCF	Julho 96	0,4	1,0	1,4	1,4	1,3	0,9
	Abril 98	0,3	0,5	1,4	2,1	2,3	1,4
Exportações	Julho 96	0,0	0,0	0,0	0,0	2,6	0,6
	Abril 98	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	0,3
Importações	Julho 96	0,1	0,3	0,4	0,4	0,8	0,4
	Abril 98	0,1	0,1	0,4	0,6	1,0	0,5
PIB	Julho 96	0,1	0,3	0,4	0,3	1,1	0,4
	Abril 98	0,1	0,1	0,3	0,6	1,0	0,4
Emprego	Julho 96	0,1	0,3	0,3	0,3	0,8	0,4
	Abril 98	0,1	0,1	0,3	0,4	0,6	0,3

As alterações no que respeita aos impactos sobre o Emprego decorrem, para além das alterações nos dados de base, de se ter agora considerado elasticidades Emprego-Produção inferiores a 1 na maioria dos ramos de actividade, quando na avaliação anterior se tinha admitido a proporcionalidade entre Emprego e Produção em cada ramo e para cada ano (elasticidade=1), tal como foi explicitado no ponto 2.2.

Gráfico 5

**Impacto da EXPO'98 no PIB**

**Comparação entre a avaliação de Julho de 1996 (hipótese "baixa") e a actual (cenário central)**

